

RESUMOS

RESUMOS

Os Ye, Mercadores de Cantão, 1720-1804

Os Ye, mercadores de Cantão, constituem um significativo exemplo daquele grupo de comerciantes habitualmente designado por “pequenos mercadores”. Conhece-se muito pouco destas pequenas casas comerciais, pelo que este artigo, ao retratar as actividades dos Ye, procura alargar a nossa compreensão do comércio no seu todo. Os Ye estiveram activamente envolvidos no comércio entre 1720 e 1804, período caracterizado por forte crescimento e expansão. Dois deles, Cudgin e Yanqua, conseguiram enriquecer e retirar-se da sua actividade com as suas fortunas intactas. O seu sucesso, sem precedentes à época, é considerado ainda hoje com um caso exemplar. Diferentemente, os outros três membros da família, Leunqua, Giqua e Tianqua, tendo adoptado estratégias diferentes, acabaram em completa ruína. Não conseguiram controlar o seu crescente endividamento que acabou por lhes absorver todo o capital e os levar à falência. Este exemplo dos Ye permite-nos, assim, uma visão única dos sucessos e fracassos dos “pequenos mercadores”, a qual, por sua vez, nos ajuda a compreender melhor a complexidade do contexto e o modo do seu funcionamento. [Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 6-47]

A Frota Mercante Portuguesa em Macau nos séculos XVII e XVIII

Este artigo examina e debate a presença da frota mercante portuguesa em Macau, com especial ênfase no último quartel do XVII e todo o século XVIII. É escrito sob a perspectiva da comunidade portuguesa, armadores, empresários e investidores em Macau. Assim, são abordados uma série de assuntos políticos, económicos e comerciais. Todavia, as actividades dos portugueses e da sua frota mercante nesta época são difíceis de analisar em detalhe, uma vez que se perderam muitas das provas históricas directas. O maior e mais espectacular sucesso de outras companhias europeias e de outros operadores privados concorrentes contribuiu também para a dificuldade deste estudo pois, de certa forma, ensombram a actividade dos portugueses. Para o mundo exterior, no século XVIII, a cidade de Macau não era propriamente

tida como um centro de prosperidade. Todavia, a sua frota mercante era bastante activa e contribuía efectivamente para a economia marítima da China. Neste contexto, é de realçar que a frota mercante portuguesa em Macau constituía à época o único elemento da estrutura do comércio marítimo da China com base em solo chinês e que regular e directamente comercializava bens e mercadorias no Oceano Índico e na malha de portos asiáticos. [Autor: George Bryan Souza, pp. 48-64]

A Justiça Qing e os Crimes de Morte em Macau

Os homicídios ocorridos em Macau com a intervenção de estrangeiros (especialmente quando um destes era o presumível culpado) estão na base dos mais graves conflitos entre as autoridades de Macau e as autoridades imperiais. Se estas os consideravam como súbditos e, portanto, sujeitos às leis chinesas, as primeiras recusavam a sua entrega por tal não lhes ser permitido pelas leis de Deus e do Reino. Este artigo, através da análise de alguns dos casos concretos de que há registo, procura traçar a evolução da legislação Qing até finais da 1.ª metade do século XIX, evolução que corresponde a uma política de feição mais centralizadora e, por outro, mais severa em relação aos estrangeiros que viviam no interior do Império. O limite temporal estabelecido compreende-se à luz das medidas adoptadas por Ferreira do Amaral e que se traduziram numa alteração profunda do estatuto político de Macau, arrancando-o do contexto da ordem imperial. [Autor: Liu Jinglian, pp. 65-83]

Vida e Obra de Wu Yushan

Wu Yushan (Wu Li) é uma figura de reconhecida importância no panorama cultural chinês durante a transição entre as dinastias Ming e Qing. Nascido no seio de uma família nobre, fiel aos Ming, Wu tornou-se famoso como pintor e poeta. Tal como outros seus contemporâneos, manteve-se ao longo de toda a sua vida íntegro na sua lealdade aos Ming, demonstrando um apurado sentido de responsabilidade na preservação e promoção da cultura chinesa. Dedicado

às causas que amava, apesar das difíceis condições de vida, Wu desenvolveu uma notável produção literária e artística. No seu tempo, a Questão dos Ritos atravessava um momento particularmente difícil. Não existia muito espaço para os nobres convertidos procurarem compromissos entre Catolicismo e Confucionismo, porque os conflitos e as diferenças entre as doutrinas – uma representando a cultura ocidental, a outra a cultura chinesa – tinham-se tornado demasiado nítidos. Impunha-se uma escolha: ser-se católico ou confucionista. Wu Yushan conheceu o Catolicismo na meia-idade, já depois dos 40 anos. Prolongados anos de estudos teológicos e de pregação operaram uma tremenda transformação no seu credo religioso, acabando por abandonar o Confucionismo e abraçar o Catolicismo, já com 70 anos. Os seus poemas católicos, respeitando embora as formas da poesia clássica chinesa, exprimem plenamente os ensinamentos da sua nova religião. [Autor: Zhang Wenqin, pp. 84-105]

Wu Yushan e a Demanda da Fé durante a Transição Dinástica

Este artigo refere-se ao mundo interior de Wu Yushan e à sua demanda da Fé durante o período de transição da dinastia Ming para a dinastia Qing; à história da sua família, sempre leal aos Ming; ao seu orgulhoso e reservado carácter, típico da nobreza chinesa e ao seu extraordinário talento. O autor examina também o seu caminho para a Fé através das relações de amizade que Wu manteve com os missionários Ocidentais e a sua conversão ao Catolicismo, antes de se tornar padre. O artigo conclui que Wu Yushan, que era simultaneamente um típico nobre chinês e um seguidor do Catolicismo, constitui um excelente exemplo de fusão da fé religiosa com as culturas locais. [Autor: Gu Weimin, pp. 106-124]

O Matriarcado no Limite. O Culto Mítico de Nu Wa em Macau

O repertório mitológico das primeiras culturas e civilização chinesas encontra-se num sem número de textos clássicos. Estes textos são fontes de enorme valor para a compreensão do poder das narrativas

ABSTRACTS

mitológicas, que reconstituem e se confundem com a História da China e que são cruciais para a promoção da coesão cultural e do sentido de identidade colectiva. De entre a multiplicidade de templos chineses de Macau, existe um, muito pequeno, consagrado à Deusa Taoista Nu Wa. A influência da mulher-serpente Nu Wa remonta à Antiguidade, sendo-lhe atribuído um papel *pivot* na história mitológica chinesa. Referências a esta divindade surgem nos mais prestigiados escritos clássicos remontando ao período dos Estados Beligerantes (475-221 a.C.) e à dinastia Han (206 a.C.-220), que a retratam como a Deusa criadora e garante da vida humana. Para além da sua imagem de matriarca como Mãe da Terra, ela é ainda descrita na novela mitológica *Feng Shen Yan* (Criação dos Deuses) da dinastia Ming (1368-1644) como uma Deusa encantadora, mas vingativa. Também Cao Xueqin (1717-1763) abre a sua obra-prima, *Hung Lou Meng* (O Sonho do Pavilhão Vermelho), com uma referência decisiva a Nu Wa, apresentando-a como a restauradora do céu. Este ensaio é um trabalho de investigação

sobre o significado do mito de Nu Wa, a sua ascensão na hierarquia espiritual e o espírito de panteísmo expresso na sua “residência divina” em Macau. Discute ainda a forma como os textos literários chineses servem de veículo à consolidação do mito, quais as diferenças e semelhanças entre os mitos da criação do Oriente e do Ocidente e porque é que Nu Wa, nos dias de hoje, ainda mantém a sua influência e goza de alguma popularidade neste “limite” da China. [Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp. 127-142]

O Poder da História na Ficção Pós-Colonial. Os Romances de Brian Castro e Mia Couto

O poder da narração de histórias e a sua associação com a voz dos povos marginalizados, noções de pluralidade e hibridismo, surgem muitas vezes como tema e preocupação característicos da narrativa pós-colonial. Este artigo centra-se no tratamento dado à narração de histórias por dois romancistas que deram já um contributo significativo à literatura dos seus respectivos países. Mia Couto, que escreve em português,

é o romancista moçambicano de maior renome na actualidade. Brian Castro, de origens lusitanas longínquas, escreve em inglês e é hoje considerado um dos romancistas mais inovadores na Austrália. De uma certa forma, ambos são produtos ancestrais da expansão colonial portuguesa: Couto é moçambicano de origem europeia, Castro um australiano com uma complexa ascendência luso-eurásica. Ambos estão perfeitamente conscientes do peso histórico que carregam nos ombros e ambos usam a narração de histórias como uma metáfora para outorgarem uma qualquer forma de poder àqueles que não se revêem nas correntes dominantes da política e da cultura. A diferença entre os dois reside no facto de que Mia Couto o faz para reflectir as diferentes vozes de uma nação emergente e Brian Castro para questionar os valores culturais tradicionais homogeneizados do seu país de adopção. Apesar do artigo fazer referência aos diversos trabalhos destes dois escritores, é dedicada particular atenção aos livros *A Varanda do Frangipani* de Mia Couto e *After China* de Brian Castro. [Autor: David Brookshaw, pp. 143-149]

ABSTRACTS

The Ye Merchants of Canton, 1720-1804

The Ye merchants in Canton are exceptional examples of the class of traders known as the ‘small merchants’. Much less is known about these smaller houses than the larger ones so this study seeks to broaden our understanding of the trade in general by retracing the operations of the Ye men. They were actively involved in the commerce from about 1720 to 1804, which is a period characterized by incredible growth and expansion. Two of the Ye men, Cudgin and Yanqua, managed to become quite wealthy and retired successfully from the trade, with their fortunes intact. Their successes were unprecedented in the history of the trade at the time, regarded even by contemporaries as exemplary. In contrast, the three other Ye men, Leunqua, Giqua and Tiauqua, employed different strategies, which ended in failure. They could not keep up with their ever-increasing debt-loads,

which eventually absorbed all of their working capital and led to their demise. The examples of the Ye merchants, thus, provide a unique insight into the successes and failures of the ‘small merchants’, which in turn helps us to understand better the complexities of the environment and how it operated.

[Author: Paul A. Van Dyke, pp. 6-47]

The Portuguese Merchant Fleet at Macao in the 17th and 18th Centuries

This article examines and discusses the Portuguese merchant fleet at Macao, primarily, over the last quarter of the seventeenth and the entire eighteenth century. It is written from the perspective of the Portuguese community, the ship owners, operators and investors at Macao. A series of political, economic and commercial issues

are outlined and engaged. The activities of the Portuguese and their merchant fleet at Macao are difficult to treat in any detail given the loss of much of the direct historical evidence and the fact that their activities have been overshadowed in comparison with the greater, more spectacular successes of the European Companies and other private trading rivals. The city of Macao was not outwardly prosperous in the eighteenth century but its merchant fleet was active and contributed to China’s maritime economy. The Portuguese merchant fleet at Macao constituted the only segment of China’s maritime trading structures over this period with a home base in China that regularly and directly commercialized Chinese goods and commodities in the Indian Ocean inter-Asian port markets. [Author: George Bryan Souza, pp. 48-64]